

Editorial

Ainda existem tabus, proibições, preconceitos e limites? E na psicanálise? Quais seriam? Onde surgem e como se manifestam?

Elaborados pela comissão editorial e propostos na carta convite, estes questionamentos emergem de uma escuta feita pela Revista, buscando ouvir, no silêncio, o que não tem sido escrito, publicado e também *tocado*...

Assim, esse é um número aberto à *fala*, permitindo tornar público e dar espaço e palavra aos fenômenos suscitados pelo *Tabu*.

Totem e Tabu (1912) era um dos trabalhos preferidos de Freud. Propõe um mito, uma narrativa para pensar sua época. Apresenta uma hipótese sobre o início do humano e da civilização a partir dos estudos etnográficos que ele então dispunha. Compreende as pulsões como fonte dos tabus e proibições, constituindo assim a força do recalque, o que torna possível uma tecitura entre o social e o individual.

Retomar o texto freudiano em 2024, 112 anos após sua publicação, busca contextualizar tais ideias e pensá-las em nosso tempo, um tempo complexo, de excessos, que demanda cada vez mais uma visão sem escotomas, enganos ou desmentidas. Poderíamos considerar que os aspectos além do recalcado estão incluídos no tabu?

Convidar a escrever sobre o tabu é tirar da sombra alguns assuntos, como Saramago (1978) propõe:

No dia em que nos recusarmos a continuar a cobrir certas situações com as palavras que pretensamente as definem, mas que só servem para ocultá-las, começaremos a ver claro. Primeiro, desmitificar e desmistificar. Depois, construir. Mas estas três operações têm de ser feitas em conjunto, sem ilusões populistas nem feudalismos retardados¹.

Recebemos trabalhos que abordam o feminino, a relação incestuosa, a religiosidade e fé, a pedofilia, a internet, o *enactment*, as proibições alienantes que conduzem à produção de preconceitos, o lugar da fé e do temor reverencial, o impacto da vida contemporânea na modificação de tabus... temáticas humanas, algumas que despertam receio, mas todas conhecidas (e talvez temidas) por nós, e que, nesse número temático, são atualizadas por autores dispostos a se aproximar e abordar os possíveis tabus da contemporaneidade.

¹ As últimas da escrita: um escritor não tem o direito de rebaixar o seu trabalho em nome de uma suposta maior acessibilidade [Entrevista a G. F.]. Extra. Lisboa, 1978.

Ana Cristina Pandolfo

Três artigos sobre o feminino evidenciam a busca por resgate do apagamento e silenciamento do tema. Em *O tabu do feminino e a desmentida da vulva e do clítoris*, Maurício Marx e Silva revisa alguns preconceitos falocráticos e visões misóginas, inclusive na psicanálise, corrigindo-os, embasado em estudos históricos e arqueológicos atuais. Fernando Orduz, em *O tabu em relação à feminilidade, ainda...*, salienta que o sistema patriarcal qualifica negativamente, restringe e exclui qualquer outra identificação que se assuma diferente. No trabalho *A mulher além do registro fálico: a feminilidade na contemporaneidade sob a perspectiva de Melanie Klein*, Ester Franco de Souza e Nythamar de Oliveira resgatam o papel de Melanie Klein, avançando a partir da concepção falocêntrica freudiana e articulando a teoria de Klein acerca do feminino como sexo originário. Os autores abordam também nuances e influências da era contemporânea nas questões do feminino, da feminilidade e da mulher.

Em *Compreendendo Dora através do enactment*, Ana Cláudia Zuanella lança um olhar para dois assuntos tabus: *enactment* e abuso. Retoma o caso Dora, contextualizando-o historicamente, e hoje, após a leitura de Ferenczi e Cassorla, oferece uma outra escuta para o que considera serem *falas ignoradas de Dora*.

Internet, abuso sexual de crianças, acesso livre à pornografia de conteúdo incestuoso e pedofilia são temas que Renata Udler Cromberg discute em seu artigo *Totem e tabu: expansões a partir da era da internet*, mostrando a atualidade do texto freudiano. O artigo apresenta ainda as influências e desdobramentos da era da internet na cultura e para o pensamento.

Em *Autodestrutividade um saber profano – proibições e preconceitos – um tabu instituído*, Ignácio A. Paim Filho aborda como a criação de tabus pode operar de forma a produzir proibições alienantes, as quais, por sua vez, levam aos preconceitos. Percorre historicamente a era vitoriana, com seus tabus relativos ao recalque ligado à sexualidade, e avança, incluindo a ideia de tabus “instituídos em função da impossibilidade da humanidade de lidar com algo até então não pensado, isto é, com a força de sua autodestrutividade” (2024, p. 719).

O homem e a sociedade: o que a psicanálise tem com isso?, por David Léo Leviski, é um artigo que questiona os possíveis efeitos da vida contemporânea nos tabus, considerando as influências sobre os desejos e sobre o que é (ou não) recalcado.

Crise existencial, perda da fé religiosa, fenomenologia, metapsicologia do temor reverencial e envolvimento somático são discutidos teórica e clinicamente no artigo *Surgimento do verdadeiro Eu entre crise de fé e experiência estática*, de Lucia Fattori e Cesare Secchi.

Na *Seção temas diversos*, Candice Pasqualin de Campos, Fernanda Crestana, Julia Domingues Goi, Luciane Falcão e Marcelo Garcia Vaz, em seu artigo *Flora e o cheiro da morte: da dissociação somato-psíquica à integração possível*, revelam, através de um caso clínico, como lutos não elaborados vividos pelos objetos primários servem como ingredientes mortíferos que se instalam no psiquismo.

Neogêneses, artigo de Marta Úrsula Lambrecht, aborda a temática do trabalho com o encravado, mais especificamente as mensagens filicidas, as quais podem encontrar no trabalho analítico uma incubadora que, como uma neogênese, gesta novas mensagens capazes de se alinhar na rede simbólica.

Na *Seção especial Jacques André*, publicamos as duas conferências proferidas pelo autor na atividade inaugural do ano científico da SPPA em 2024, as quais dialogam com nosso eixo temático. *Desamparo na civilização* questiona a autoconservação ao discutir a tendência à autodestruição da espécie humana. Em *O mito do masculino*, o autor aborda conceitos “masculinos”, como dominação masculina, falo e angústia de castração, estabelecendo um diálogo com o que considera “mito do feminino”.

Psicanálise em Diálogo apresenta as reflexões de Edson Luiz André de Sousa sobre *Tabus e lágrimas: o desafio de tocar nos silêncios*. Elena Tomasel, editora associada responsável por esta seção, salienta: “como sugere o título do artigo, o autor nos incita a refletir sobre um dos tabus de nossa prática clínica: o tabu do toque, utilizando dois fragmentos clínicos que contemplam o tema proposto.”

Escrever e publicar ideias constitui uma oportunidade de desacomodar, de tirar das sombras e dar a isto palavra. É sempre corajoso, pois, ao falar do incômodo, de certa forma nos mostramos, ao mesmo tempo em que mobilizamos no outro seus próprios incômodos. Pensar sobre o que nos perturba e descentra, como o não saber, ou nossos limites e preconceitos, pode abrir caminhos para que o conhecimento venha à luz, deixe de ser tabu e passe a ser um *assunto*.

Dessa forma, agradeço aos autores que tiveram o nosso convite reverberado dentro de si!

Desejo a todos uma leitura que siga mobilizando aberturas e reflexões!

Ana Cristina Pandolfo

Editora-Chefe da *Revista de Psicanálise da SPPA*